**O ENCANTAR E O DESENCANTAR EM *RESTOS DO CARNARVAL*, DE CLARICE LISPECTOR.**

Jéssica Lima e Silva [[1]](#footnote-1)

**RESUMO**

O processo de rememoração de acontecimentos vivenciados na infância traz à tona a perspectiva da ressignificação de experiências que por vezes expressam sentimentos de encantos e desencantos. Sobre essa perspectiva é que esta investigação se declina tendo como objeto o conto de Clarice Lispector, *Restos do Carnaval*, nele a personagem pueril evoca momentos de suas angústias de viver entre o sentimento da morte e a vontade de viver as fantasias carnavalescas em Recife. Diante disto, o objetivo deste artigo é analisar os processos de encantamento e desencantamento por meio das rememorações da personagem infantil no texto literário. Para tanto, o suporte teórico se assenta nas discussões de Eurídice Figueiredo (2013) sobre memória e os relatos de infância, as ponderações de Paul Ricoeur (2007) acerca das memórias corporais e os estudos de Seligmann-Silva (2008) sobre rememorações traumáticas. As análises permitiram observar que por meio das reconstruções memoriais ora a criança se encanta com a possibilidade de participar das festividades carnavalescas, tão desejadas por ela, ora se desencanta com a ameaça da morte de sua mãe, expressando assim as suas angústias significadas na fase adulta.

**Palavras-chave:** Clarice Lispector, Restos do Carnaval, Encantar, Desencantar.

**INTRODUÇÃO**

A presença da infância nas obras de Clarice Lispector traz a tona memórias de acontecimentos marcantes na vida social pueril que analisados sob a perspectiva do encantamento e desencantamento despertam discussões a cerca de ressignificações de experiências e de que forma tais processos compõem a identidade do sujeito na fase adulta. A autora representa a fase infantil em suas obras através de manifestações realistas, expondo a instabilidade da criança diante dos acontecimentos mundanos.

        A partir de tais considerações, o objeto de estudo do presente artigo trata-se do conto *Restos do carnaval*, presente na obra *Felicidade Clandestina* (1998). A narrativa contística traz a lembrança pueril de um carnaval singular: o primeiro em que a personagem infantil participaria fantasiada. Todo o enredo da obra perpassa pelo encantamento da menina em ter a possibilidade de participar das festas carnavalescas vestida e caracterizada como uma rosa e pelo desencantamento com o cenário de possível morte da mãe.

 Levando em conta que a leitura crítica da obra se assenta nas discussões de Eurídice Figueiredo (2013) sobre memória e os relatos de infância, as ponderações de Paul Ricoeur (2007) acerca das memórias corporais e os estudos de Seligmann-Silva (2008) sobre rememorações traumáticas, o objetivo desta pesquisa é analisar os processos de encantamento e desencantamento por meio das rememorações da personagem infantil no texto literário.

**O encantar e o desencantar na infância**

O conto traz as lembranças infantis de uma personagem feminina a partir de um evento marcante em sua vida: aos oito anos de idade iria passar seu primeiro carnaval fantasiada. Ao tratar do gênero relato de infância, Eurídice Figueiredo (2013, p.44) cita Denise Escarpit, quando esta o conceitua como:

Um texto escrito [...] no qual um escritor adulto, através de diversos procedimentos literários, de narração e de escrita, conta a história de uma criança [...] – trata-se de um relato biográfico real – que pode então ser autobiográfico – ou fictício.

Em se tratando de memórias infantis, estas trazem em seu teor, formas de expressões do que ficou guardado, do que não pôde ser dito, inicialmente pela falta de capacidade de usar a linguagem. Entretanto, este substrato do seu consciente formado na infância, fica incrustado e se permite ser revisitado de forma voluntária ou involuntária. “A criança não fala e, entretanto, vai-se constituindo, assim a infância permanece alojada no adulto” (FIGUEIREDO, 2013, p. 46).

Estas questões relacionadas às rememorações súbitas são estudadas por Paul Ricoeur (2007) quando este cita a obra de Henri Bergson, *L´Énergie spirituelle,* no que tange ao conceito de “recordação instantânea” como “uma memória atualizada em sensações nascentes e em movimentos iniciados” (RICOEUR, 2007, p. 47). Estas características conceituais são notadas logo no início do conto, quando a personagem rememora momentos de um carnaval que para ela, marcaram de forma significativa:

Não, não deste último carnaval. Mas não sei por que este me transportou para a minha infância e para as quartas-feiras de cinzas nas ruas mortas onde esvoaçavam despojos de serpentina e confete (LISPECTOR, 1998, p. 16).

Ainda sobre o fragmento citado acima, pode-se notar que a personagem não sabe o que de fato a fez recordar sobre momentos carnavalescos passados. Para explicar tal situação, Paul Ricoeur (2007) afirma que a memória corporal se deixa ofertar “do corpo habitual ao corpo dos acontecimentos”. O autor afirma ainda que “A memória corporal [...] varia segundo todas as variantes do sentimento de familiaridade ou de estranheza” (RICOEUR, 2007, p. 57).

Seguidos por estes sentimentos citados acima, percebeu-se que o enredo do texto perpassa por momentos de felicidade, euforia e encantos até momentos de tristezas, frustrações e desencantos. A narradora adulta consegue se lembrar dos sentimentos de excitação causados pelo simples fato das festas de carnaval estarem se aproximando e a sensação de que o feriado a pertencia:

E quando a festa ia se aproximando, como explicar a agitação íntima que me tomava? Como se enfim o mundo se abrisse de botão que era em grande rosa escarlate. Como se as ruas e praças do Recife enfim explicassem para que tinham sido feitas. Como se vozes humanas enfim cantassem a capacidade de prazer que era secreta em mim. Carnaval era meu, meu (LISPECTOR, 1998, p. 16).

A partir de então, o texto segue e a narrativa aponta o momento em que a personagem infantil se encanta com a possibilidade de deleitar-se no carnaval, uma vez que, por causa da doença da sua mãe, nunca pudera, de fato,  participar da festa. E para o seu contentamento, ela poderia ir fantasiada, com os restos que sobrara  da fantasia de sua amiga:

Mas houve um carnaval diferente dos outros. Tão milagroso que eu não conseguia acreditar que tanto me fosse dado, eu, que já aprendera a pedir pouco. É que a mãe de uma amiga minha resolvera fantasiar a filha e o nome da fantasia era no figurino Rosa. [...] Foi quando aconteceu, por simples acaso, o inesperado: sobrou papel crepom, e muito. E a mãe de minha amiga, [...] já que sobrara papel - resolveu fazer para mim também uma fantasia de rosa com o que restara de material. [...] Até os preparativos já me deixavam tonta de felicidade (LISPECTOR, 1998, p.16)

 Na passagem do texto citada acima, verifica-se a expressão: “tonta de felicidade” como o momento em que a narradora adulta rememora com detalhes o instante preciso em que se encanta com a possibilidade de brincar o carnaval fantasiada, pela primeira vez, ainda que esta fantasia tenha se originado dos restos de outra.

 E então, a narradora, por meio de trechos taciturnos,  esboça o outro lado do enredo, a decepção e a desesperança em não poder sair à rua para desfrutar da festa carnavalesca:

Muitas coisas que me aconteceram tão piores que estas, eu já perdoei. No entanto essa não posso sequer entender agora: o jogo de dados de um destino é irracional? É impiedoso. Quando eu estava vestida de papel crepom todo armado, [...] minha mãe de súbito piorou muito de saúde, [...] e mandaram-me comprar depressa um remédio na farmácia. [...] Fui correndo, correndo, perplexa, atônita, entre serpentinas, confetes e gritos de carnaval. A alegria dos outros me espantava (LISPECTOR, 1998, p. 17).

Como se pôde analisar no fragmento, a criança se desencanta do carnaval com a possibilidade de morte da mãe: “eu fora desencantada; não era mais uma rosa, era de novo uma simples menina” (LISPECTOR, 1998, p. 17).

Diante de tais ponderações, percebe-se que as rememorações da narradora enquanto personagem infantil foram expostas de maneira a marcar um momento específico do seu passado, uma memória de desapontamento por perpassar da excitação de um momento feliz para um momento triste e traumático. Sobre isto, Paul Ricoeur (2007, p. 57) afirma que:

As provações, as doenças, as feridas, os traumatismos do passado levam a memória corporal a se concentrar em incidentes precisos que recorrem principalmente [...] à relembrança, e convidam a relatá-los. Sob esse aspecto, as lembranças felizes, [...] não deixam de mencionar seu lugar singular no passado decorrido [...] (RICOEUR, 2007, p. 57).

E em se tratando de melancolia, sua presença foi percebida por todo o texto, até mesmo antes da catarse do enredo ser apresentada. Logo no início da narrativa, ao simples movimento da lembrança do momento, a personagem adulta comenta as consequências emocionais que o instante a fez sofrer:

 “Ah, está se tornando difícil escrever. Porque sinto como ficarei de coração escuro ao constatar que, mesmo me agregando tão pouco à alegria, eu era de tal modo sedenta que um quase nada já me tornava uma menina feliz” (LISPECTOR, 1998, p. 16).

Sobre estas narrativas memorialísticas que envolvem traumas, Seligmann-Silva (2008, p. 69) afirma que: “falando na língua da melancolia, podemos pensar que algo da cena traumática sempre permanece incorporado, como um corpo estranho, dentro do sobrevivente”, com isso enfatizando a necessidade da personagem adulta em esboçar o que faz parte da sua subjetividade, os eventos marcantes, exultantes, traumáticos e desesperançados.

Diante de tais análises críticas, pôde-se inferir que o instante de recordação é um momento de reconhecimento de si mesmo. É a oportunidade de notar os processos de ressignificação das sensações de memórias marcantes e perceber de que forma tais lembranças formam a identidade do indivíduo compondo assim, sua subjetividade.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

 A literatura clariceana, por vezes, tem na infância um local de destaque e de possíveis rememorações autobiográficas. Em *Restos de Carnaval*, pôde-se observar um dos exemplos em que a autora, através de relatos infantis, descreve momentos de dicotomia entre júbilo e desconsolo que são mostrados por meio das reminiscências da personagem em sua fase adulta. A memória esteve presente por todo o conto, trazendo aspectos marcados pelo encantamento e as alegrias causadas pela possibilidade de um momento único: deleitar-se no carnaval de rua e pela primeira vez fantasiada.

 Em um segundo momento, o desencantamento se mostra catártico. O lapso de possível morte de sua mãe, explica a melancolia presente no conto. Diante disto, a narrativa memorialística se fez a partir de lembranças traumáticas, aquelas que precisamente não são esquecidas, uma vez que, fazem parte da subjetividade, do que é inerente ao “eu” de quem narra.

**RESUMEN**

El proceso de recordar hechos vividos en la infancia saca a relucir la perspectiva de resignificación de vivencias que a veces expresan sentimientos de encantamiento y desencanto. Es desde esta perspectiva que esta investigación se centra en el cuento de Clarice Lispector, Restos do Carnaval, en el que el pueril personaje evoca momentos de su angustia por vivir entre el sentimiento de muerte y el deseo de vivir fantasías carnavalescas en Recife. Ante esto, el objetivo de este artículo es analizar los procesos de encantamiento y desencanto a través de los recuerdos del personaje infantil en el texto literario. Por tanto, el soporte teórico se basa en las discusiones de Eurídice Figueiredo (2013) sobre los relatos de memoria e infancia, las consideraciones de Paul Ricoeur (2007) sobre los recuerdos corporales y los estudios de Seligmann-Silva (2008) sobre los recuerdos traumáticos. Los análisis permitieron observar que, a través de las reconstrucciones conmemorativas, en ocasiones la niña se encanta con la posibilidad de participar en las fiestas carnavalescas, tan deseada por ella, en ocasiones se desencanta con la amenaza de la muerte de su madre, expresando así su angustia significada. en la edad adulta.

**Palabras clave:** Clarice Lispector, Restos de Carnaval, Encantar, Desencantar.

**REFERÊNCIAS**

FIGUEIREDO, Eurídice. **Mulheres ao espelho**: autobiografia, ficção, autoficção. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. 245 p.

LISPECTOR, Clarice. **Restos do carnaval**. In: LISPECTOR, Clarice. Felicidade Clandestina. São Paulo: Rocco, 1998. cap. 4, p. 16-18. Disponível em: https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbnxwb3J0dWd1ZXNmYWNpbGVyYXBpZG98Z3g6N2ZlOTc1Y2FjZDdjNzI4Zg. Acesso em: 15 set. 2021;

RICOEUR, Paul. **Esboço fenomenológico da memória.** In: RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas: Unicamp, 2007. cap. Memória e imaginação, p. 40-60.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Narrar o trauma**. Psicologia Clínia, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, ed. 1, p. 65-82, 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S0103-56652008000100005. Acesso em: 14 set. 2021.

1. Mestranda em Literatura – PPGEL – Universidade Federal do Piauí, jessicals@ufpi.edu.br; [↑](#footnote-ref-1)